

Moçambique: mais do que nunca, a necessidade de mudança é urgente

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

A história de Moçambique prova que há tendências que pouco mudam. Desde a independência que a disputa pela hegemonia se concentra em torno dos dois principais movimentos políticos, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo). De facto, o rescaldo das recentes eleições gerais assemelha-se ao que tradicionalmente tem caracterizado os períodos pós-eleitorais em Moçambique desde a introdução de eleições multipartidárias em 1994: vitória folgada da Frelimo, acusações de fraude pela oposição e recusa em reconhecer os resultados, bem como a disponibilidade da Renamo para dialogar apesar da forte argumentação contra a legitimidade do processo eleitoral. No entanto, olhando para lá do óbvio, nota-se que o contexto político está em transformação, em parte impulsionado pela descoberta de novas reservas de gás natural, pelos maiores níveis de violência em duas décadas, pelas concessões da Frelimo às exigências da oposição, pelo nascimento de uma terceira força política capaz de desafiar a ordem bipartidária da política nacional, por um candidato presidencial da Frelimo que difere dos predecessores e, finalmente, pela primeira perda de votos presidenciais e de representação parlamentar da Frelimo desde 2004.

A onda de violência iniciada em 2013 teve a sua origem nas exigências da Renamo sobre a reforma da lei eleitoral, o processo de desarmamento, a integração do seu braço armado nas forças de segurança nacionais e maior acesso

às riquezas do país¹—provavelmente motivado pela recente descoberta de reservas de gás.² A intransigência da Frelimo em ceder às exigências, o discurso belicoso de Afonso Dhlakama e a movimentação de antigos combatentes da Renamo culminou em diversos episódios de conflito armado entre as duas partes. A violência ameaçou mergulhar Moçambique numa nova guerra civil e pôr fim a duas décadas de paz e estabilidade relativa. Contudo, depois de cerca de 17 meses de confrontos, as duas partes assinaram um acordo de cessação das hostilidades e chegaram a um entendimento sobre os pontos de discórdia.

A terceira força política, o Movimento Democrático Moçambicano (MDM), liderado por Daviz Simango, é em larga medida composto por ex-membros da Renamo e beneficia do apoio do eleitorado jovem nas zonas urbanas, bem como do voto dos descontentes com a evolução da Renamo. Nas eleições gerais de 2009, o MDM garantiu oito lugares no parlamento moçambicano, um número que poderá chegar aos 30 caso se confirmem os resultados de 10,4%. No entanto, Daviz Simango deverá obter menos votos nas presidenciais, registando uma descida de 8,6%

1 “Exigências que a Renamo vai apresentar ao Governo” (*Verdade*, 26 de Abril de 2013).

2 “Com o gás, Moçambique quer fugir do exemplo de Angola” (*Público*, 15 de Outubro de 2014).



em 2009 para 7,5% este ano.³ Não obstante, Simango e o seu MDM representam uma onda de mudança na vida política moçambicana e constituem uma ameaça à ordem bipartidária, como confirmam os bons resultados eleitorais. Será em parte devido ao crescimento do MDM que Armando Guebuza e a Frelimo escolheram Filipe Nyusi como candidato presidencial. Ao contrário dos seus predecessores, Nyusi é um tecnocrata, não participou na guerra da independência e é o primeiro candidato da Frelimo oriundo do norte de Moçambique. No entanto, os resultados preliminares dão apenas 60,5% dos votos a Nyusi, o que contrasta com os 75,5% que Guebuza obteve em 2009. São igualmente relevantes os 58% dos votos que a Frelimo poderá vir a obter nestas legislativas quando comparados com os 74,7% obtidos há cinco anos. De acordo com os resultados conhecidos, aparentemente Afonso Dhlakama e a Renamo terão conseguido atrair a maioria dos votos perdidos por Nyusi e Frelimo.⁴

Apesar da eleição de um presidente diferente dos seus predecessores, será pouco provável que ocorra uma mudança substancial nas linhas políticas do governo, nomeadamente tendo em conta que Nyusi é um protegido de Guebuza e que este irá certamente querer manter alguma da sua influência política. A Frelimo tem perfeita consciência de que, a longo prazo, apenas beneficiará da exploração das reservas de gás natural se oferecer aos investidores estrangeiros um ambiente estável e seguro durante os próximos anos. A rede de infra-estruturas necessárias, além de demorar vários anos a construir, exige elevados investimentos. Logo, o risco político terá

de ser baixo para que o investimento se materialize. Para este efeito, e tendo em conta a intenção manifestada por Dhlakama no sentido de colaborar com o governo, a solução poderia passar pela criação de um governo de união nacional. Tendo o porta-voz da Frelimo vindo já a público pôr de lado essa possibilidade,⁵ é difícil de imaginar um cenário em que Dhlakama se concentre exclusivamente em fazer oposição política. Tal poderá vir a ser fatal para a Renamo, na medida em que o MDM já demonstrou ter capacidade para captar o seu eleitorado.

Guebuza e a Renamo têm clara noção do potencial da acção armada enquanto instrumento gerador de influência política e como meio preferencial no sentido de obrigar a Frelimo a ceder às suas exigências: no Verão de 2013 o braço armado da Renamo conseguiu com sucesso bloquear o trânsito entre o rio Save, que atravessa Moçambique ao meio, e a cidade de Muxúnguê, na província de Sofala, conseguindo assim efectivamente separar o norte do sul do país. A incapacidade das forças de segurança nacionais em conter as acções militares da Renamo revelou-se um desenvolvimento chave para que a Frelimo suavizasse a sua intransigência e acabasse por aceitar negociar com o rival histórico. Assim, de modo a evitar um regresso a um passado do qual ninguém beneficiaria, urge encontrar um entendimento político que, de algum modo, permita encontrar um ponto de equilíbrio que incorpore a Renamo. Sem esse esforço inclusivo, o desenvolvimento do país e o início efectivo da exploração das riquezas naturais será sempre muito mais difícil e complexo.

3 "Resultados parciais indicam vitória esmagadora da FRELIMO e de Nyusi em Moçambique" (*Deutsche Welle*, 16 de Outubro de 2014).

4 *Ibid.*

5 "FRELIMO reticente com exigências que vão contra os princípios da democracia" (*Deutsche Welle*, 20 de Outubro de 2014).

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>
email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Gold Sponsor



Silver Sponsor



Parceiros



Mecenas

